



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 6 de Setembro de 1980 * Ano XXXVII — N.º 952 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

Um recente inquérito em via de nova cobertura social em estudo para o Órfão e Abandonado, levou-nos a percorrer o ficheiro dos Rapazes e actualizou em nossa memória a história de cada um. Na busca dos presentes, passámos por muitos ausentes e não resistimos a ir até ao fim, isto é, aos primeiros habitantes desta Casa de Paço de Sousa. Uma romagem de saudade que nos deu verificar que foram muitos, muitos mais do que pensava, aqueles que Deus já chamou!

Voltando ao levantamento referido, constatámos, aliás sem surpresa, que o grosso da população das nossas Casas é constituído mais por vítimas do abandono do que da orfanidade. E quando esta foi uma razão de peso para a admissão, ainda assim a nota de abandono pelo progenitor que resta ou pela família que ficou, aparece frequentemente. É um sintoma amargo de uma falta do sentido de solidariedade em grande número de famílias e também da fragilidade das leis no perseguir e imputar aos abandonantes a culpa da sua incúria ou indiferença.

Porém nem todos os nossos se podem chamar abandonados. Há casos em que o desaparecimento de um dos progenitores, deixou o outro de mãos caídas e inhábéis para conservar a família reunida. Mas com que dor eles sofrem a separação!

Assim aconteceu a dois dos nossos pequenos mais recentes. A mãe morreu-lhes atropelada. O pai, cantoneiro, não tendo mais ninguém senão a sua mãe muito idosa, viu-se só com cinco filhos, a mais velha dos quais tem 12 anos. A mais novinha, ainda bebé, e o outro a seguir ficaram com os padrinhos, os dois do meio são os nossos e a de 12 anos é a mulher daquele lar desfeito. Desde o primeiro contacto, quando veio expor o seu drama, aquele homem deixou-nos funda impressão. Mais se radicou na entrega dos filhos e ao despedir-se deles. Depois, tem vindo vellos bastantes vezes. Com que ternura e no entanto com que respeito pela nossa parte na

posse dos seus filhos! «Nós éramos pobrezinhos, mas tão felizes...»

Há dias chegou-nos esta carta:

«Senhor Padre

Desde já a continuação de saúde, na companhia do sr. Padre Moura, do sr. Padre Abel, junto da companhia de meus filhos que são o Victor Centeio e o Alexandre Centeio e na companhia de todas as criaturas que se encontram na Casa do Gaiato. A todos desejo boa sorte.

Como eu tinha falado com o sr. no dia de S. Pedro, na praia, a respeito do jornal O GAIATO, se acaso pudesse ser eu ficar a receber o jornal, para mim era muito importante ter notícias de uma Casa onde tenho os meus queridos filhos. Se acaso pudessem mandar mais do que um eu agradecia, para aqui distribuir por pessoas que eu vejo serem capazes de ajudar a contribuir para a Casa do Gaiato.

Também fiquei muito contente em a Televisão mostrar a Casa do Gaiato. Ao outro dia era tudo a procurar se era a Casa onde estava o Victor e o Alexandre e eu dizia que sim e ficaram todos admirados de ser tão bonito e diziam-me que não os viram lá e eu dizia que eles estavam na praia.

Desde já me despeço com os meus sinceros cumprimentos. Para todos um abraço com um beijo para os meus queridos filhos e até à próxima oportunidade em que eu possa aí ir. Até lá, saúde e boa sorte e felicidades.»

«... Para mim é importante ter notícias de uma Casa aonde tenho os meus queridos filhos...» Tão raro este vínculo entre a nossa Família e a família de sangue dos nossos Rapazes! Tão raro, como terem eles um pai ou uma mãe de alma límpida como têm o Victor e o Alexandre!

E já agora outro caso, em tudo paralelo, até na geografia, pois um e outro se situam quase frente a frente nas duas margens do Douro. Desta feita é uma mãe viúva que ficou com um rancho de filhos. A

necessidade de ganhar o pão para eles e um pouco de rebeldia neste que hoje é nosso, estão na causa da sua vinda. Mas esta mãe, nem por nos ter entregue com plena confiança o seu filho, nem pela freima que a consome na sustentação dos outros, nem por isso o enjeita. Sempre que pode ela aí está, manhãzinha cedo, no primeiro comboio e ao princípio da tarde regressa, de modo a servir a ceia aos outros filhos. Para este traz o merendeiro e come com ele em qualquer sombra da nossa quinta. Nós sempre lhe oferecemos da nossa mesa, mas ela prefere assim e nós não queremos violar a intimidade só de vez em quando gozada e sempre tão breve.

Há meses escreveu-lhe e mandava, entre o mais, este recado que eu copiei e guardo com veneração:

«Filho, sabes que eu estou sempre com o pensamento em ti. Faz por te portares bem.

Cont. na 3.ª pág.



O grosso da população das nossas Casas é constituído mais por vítimas do abandono do que da orfanidade.

Reflectindo

● Temos a Casa cheia de de rapazes e os pedidos de admissão continuam a chegar sem que nós lhes possamos dar solução. Cada pedido traz uma situação a necessitar remédio. Se este não for conseguido, as consequências serão graves.

Quando apresentamos a nossa impossibilidade de receber os casos que nos trazem, quase sempre vem uma pergunta: — A que porta havemos de bater?

Também não sabemos responder. Assim sentimos que a situação dolorosa irá persistir.

Quantos rapazes no nosso País atravessam os anos mais perigosos para a sua preparação, para serem homens amanhã, sem educação, ganhando maus hábitos... Eles serão pais amanhã... e novos filhos ficarão sujeitos a novos perigos.

Se é certo que alguns dos problemas que nos surgem são o resultado de mau comportamento das mães, também muitas mães vêm até nós mostrar-nos a sua vida heróica. Por elas tomamos conhecimento de como, ainda, sofrem maus tratos, opressão, vivem sujeitas ao medo, muitas mulheres portuguesas. Muitas estão sujeitas a tratamento que merecia castigo das autoridades; mas a lei diz que o que se passa dentro da casa de cada um, está fora da sua alçada.

Há dias, alguém que se interessa pelos Outros nos dizia que numa família, a mulher era, muitas vezes, espancada, vivia sempre com medo, mas com um rancho de filhos, sem ter para onde os levar, tinha que aguentar. Vinha pedir se podíamos receber os rapazes para os tirar daquele inferno

e libertar a mãe daquele viver selvagem.

● Os problemas que vêm até nós numa atitude de esperança de podermos ser solução, são quase todos fruto da miséria, moral ou material, mas chegam-nos também desabafos de pais, que não estando sujeitos a esses males, nos vêm testemunhar os problemas dos seus filhos a quem não conseguem tirar dos maus caminhos. Por vezes uma demasiada facilitação vem a gerar naqueles que crescem, uma incapacidade para fazer frente às dificuldades da vida. Quando os filhos são pequenos, é fácil fazer-se-lhes todas as vontades, tudo se lhes dar. Habitados a terem tudo o que querem, não saberão prescindir de nada e ficarão sujeitos

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Aquela Viúva que aguarda pensão de sobrevivência, topámo-la banhada em lágrimas! É uma angústia difícil de exprimir — e bem preciso era — para que o mundo responsável abrisse os olhos! Dramas, na maioria dos casos, curtidos em silêncio, entre as paredes da casa ou do barraco. E, verdade seja, com soluções proteladas — o que é triste! Porque as vítimas indefesas não vão para a rua com *ladainhas* mecanizadas!

Os responsáveis pela vida de muitas vidas faziam bem — e deveriam até — escutar os Pobres na casa ou no barraco, fora da pressão de *ladainhas* e fogos fátuos. Depois, de mangas arregaçadas, com o diagnóstico real, reformulariam leis ou regulamentos, sim, mas de maneira que o aparelho burocrático fosse providente — e eficiente. Acção dura, que exige trabalho de leão. Mas tem de ser!, por mor da Justiça Social.

Ela já dá um dia aqui, outro acolá. Os filhos pedem pão...! E anda a ver se consegue um trabalho regular que se coadune com a educação das crianças. Mas, enquanto não — pois a pensão demora — lá temos nós de suprir o que pertence aos outros. E não é pouco! Quatro contos por mês... São bocas pequeninas, com apetite devorador.

● Desde sempre mantemos estreita colaboração com a equipa de vicentinos da paróquia que serviu de berço a Pai Américo; Conferência em que participámos na fundação, há já muitos anos, e com a qual nos reunimos, uma vez por outra, partilhando êxitos e fracassos.

Pelas características do meio onde estão inseridos, eles, os vicentinos, têm sempre na mão problemas graves e difíceis — e poucas disponibilidades. Mas, como «não é por aqui que o gato vai às filhoses» — sendo a falta de meios uma natureza específica da Sociedade de S. Vicente de Paulo — e como, pela generosidade dos nossos leitores, vamos tendo mais ou menos o indispensável, graças a Deus, para fazer face aos casos que diariamente nos surgem, decidimos, uma vez mais, dar a mão e saldar compromissos da acção desenvolvida por estes samaritanos, assim a modos de uma geminação.

Alguns Pobres beneficiados conheceram perfeitamente o nosso Pai Américo. Naquele tempo, tinha lá os seus clientes, os seus Pobres — muito antes de ser presbítero.

Além do motivo sentimental, implícito na geminação — que muito nos satisfaz, por mantermos viva e actuante uma acção predilecta de Pai Américo em sua terra natal, enquanto por cá peregrinou — ela é um estímulo para a acção destes homens devotados aos problemas dos seus Irmãos. Que os homens são o que são e para nos mantermos de pé só assim.

PARTILHA — Assinante 22892, do Porto, «aproveitando uma possibilidade», destina 1.500\$00 para os Pobres, «esperando poder mais vezes ter idênticas «possibilidades». Muito bem!

Assinante 11162, também do Porto, é presença regular; desta vez com «300\$00, migalhinhas do mês de Agosto para os nossos Irmãos mais necessitados».

Outra presença de muitas vezes, agora com 200\$00: Rua da Lapa — Lisboa. Ainda da capital, 500\$00 de «velha Amiga», que esclarece: «Este mês vai um pouco mais porque recebi um dinheiro que não esperava e, assim, dividi-o por quem precisa».

Visitante assídua, do Porto, 250\$00. O dobro da Rua Rodrigues Cabralho — Lisboa. Por fim, também da capital, mais 100\$00.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

MILHO — Essa planta verdinha plantou-se, rebentou suas barbas, parece a floresta do Amazónia. Numa segunda-feira de manhã fresca, fomos à exploração do «Amazónia-milheiral», comprometemo-nos em despontá-lo em cinco minutos.

Parecia que estávamos perdidos numa floresta virgem. Com um calor intenso, cortados pelas folhas, suando, era mesmo de fartar... Posso comparar o milho com as batatas. Um batatal é parecido com o deserto do Saará, pedindo água — parecia que tínhamos miragens! — mas isso já lá vai.

Um milheiral é parecido com a floresta do Amazónia; o seu calor intenso, suando por todo o lado, explorando o caminho, secos, mas com mais esforço pela frescura dos milheirais.

Já temos tomates vermelhinhos que nos consolam todos os dias numa salada luxuosa, com sal, e cebolas que também já colhemos, bem grandes, estão uma beleza. Os cozinheiros não se dão ao luxo da salada.

Fruta, nem falar, estão a aparecer

às mãos cheias. Os pêssegos já lá vão. Foi pena, eram deliciosos! Andamos a apanhar peras com muito cuidado para não apodrecerem. Um quarto delas já não se vêem, andaram aqui dentes que não as deixaram sorrir mais um bocadinho. As abóboras estão a inchar dando um sorriso amarelado. As maçãs parecem estar doentes, todas verdinhas, mas já com tons vivos. Vamos ver se elas ficam jovens, sorridentes, para depois... cala-te boca não digas asneiras!...

Chegou a notícia que andaram a pintar os cachos das videiras. E alguns «não foram à tropa»; estragaram-se!

FÉRIAS — Alguém falou em férias?

Pois bem, o que era bom, acabou-se. Agora temos que gozar férias repartidas aos domingos. No dia 15 o nosso João chegou com um grupo e, no dia seguinte, outro batalhão. Mas foi uma alegria para os que lá estavam; e que chegaram, mas com tristeza no coração de deixarem um lugar livre. Uns fartos, outros sujeitos a não passar os seus quinze dias.

Férias também foi tema de uma conversa com o «Pinóquio», de 11 anos. Frequenta a 1.ª classe e vivia em Pocariga, uma terra vizinha de Cantanhede.

Começou por dizer que não gosta de estar na Casa do Gaiato. Ri-me. Perguntei-lhe porquê. Respondeu-me alegremente com um sorriso doce: — «Porque na minha terra ia aos bailes, festas e não gosto de estar muito longe da minha mãe e tia». Continuei conversando e surge uma pergunta:

— São todos teus amigos na Casa do Gaiato?

— São...

Murmurei pensativo. Fui dando voltas na conversa, trocando sorrisos leves, e cheguei a uma curiosidade:

— Porque é que vistes para a Casa do Gaiato?

— Porque não sei ler. Só por isso; porque se não, estava na minha terra...

Passei a minha mão no seu cabelo liso. Senti a sua pobreza, a sua infelicidade. Pobre rapaz! Mas disse-lhe com mágoa: — Deixa o teu passado, luta pelo presente e constrói o futuro. Vai ver se trabalhas,

saber ler, seres alguém na tua vida desconhecida...

DESPORTO — Este tema surgiu após a terminação das férias. Começou o Campeonato nacional da 1.ª divisão.

O Chico, que é serralheiro e pai-deiro, anda um bocadinho aborrecido por a sua equipa estar este ano desequilibrada. É sportinguinta. Mas o «Rebela» não fica atrás; anda muito contente da sua equipa progredir. É do clube das águias; e não só ele, também mais alguns estão entusiasmados.

No dia 20 de Agosto pegou no rádio e não deixou de ouvir o relato Altay — Benfica que, depois de 90 minutos, o resultado foi de 0-0. Ficou todo contente.

Dentro do nosso desporto, o campo surge como «tourada»... Já não está deserto! Quase todos os dias se vê uma bola no chão rebolando, mas uma bola toda remendada, que só faz calos na cabeça e que tem de se andar sempre a coser... Precisamos de bolas!

O nosso interesse é bastante e entusiasta. Quando vamos para o campo, às vezes, nem cheiramos a bola; nem de borracha, quanto mais de couro. Os futebolistas andam um bocado aborrecidos, por não haver algo que se ponha nos pés, para chutar. O nosso desporto está em crise, aqui em Casa. Temos direito a uma actividade que nos liberte da preguiça.

De Miranda do Corvo vão os nossos agradecimentos antecipados para que apareçam bolas de couro ou de borracha, e algo para pôr nos pés a fim de podermos jogar futebol.

Muito obrigado!

Guido

Praia de Mira

Nem todos os dias são de sol ardente e mar sereno.

É esta a razão que nos leva, quase todos os anos (de vez em quando), a desconcentrarmo-nos da beira-mar, a «explorarmos» a floresta e a Vila.

Era um dia muito fechado com o mar parecendo um «diabo revoltado». O céu era escuro e a chuva pingava aos bocados!



A colheita da batata, em Miranda do Corvo, movimentava toda a comunidade.

Juntámo-nos, depois do almoço para se resolver onde haveríamos de passar a tarde. Mandeí a pergunta para o ar, logo imediatamente apareceram respostas de entre as quais uma era mais apropriada à pergunta:

— Dividirem-se os rapazes em grupos de dez (tendo em conta o elevado número de rapazes), nomeando-se um chefe para cada um, cuja missão era a de velar por eles e, ao mesmo tempo, levá-los a passear por um lugar escolhido e, se possível, desconhecido para os rapazes, para consequentemente despertar mais atenção e curiosidade.

Aprovada a sugestão, pusemos mãos à obra ficando combinado um encontro geral na barrinha, onde mais tarde se iria encerrar o passeio com uma banhoca de água doce.

A chegada a casa marcou a merenda e (como não podia deixar de ser) os comentários entre os elementos dos vários grupos, sobre os diferentes passeios realizados.

Presentemente, findaram as nossas férias no passado dia 15/8, como já é costume, desde que adquirimos a casa, podendo-se considerar como uma tradição.

Todo o homem que trabalha tem direito a descansar!

Os dois últimos dias foram de grande agitação, pois, como nós apreciamos muito a limpeza física e moral, não largámos a nossa casa enquanto não estivesse limpa e arrumada.

A largada com retorno a Miranda do Corvo foi alegre para todos, pois a nossa Ford (como a nossa casa no período de férias sempre esteve repleta) carregadinha de rapazes chegando a parecer uma camioneta de sacos de cimento, teve de voltar segunda vez à praia, pois a lotação da casa (50 camas) tem sido excedida nestes dias, para que todos tivessem mais ou menos igual número de dias de praia e cujo número fosse razoável.

Mas, porque não continuámos na praia, até acabarem as férias, muito regalados e sem nos preocuparmos com os outros?

Porque tivemos que ceder a casa a outras crianças necessitadas?

Porque a luz de Deus, que em nossos corações é aceite e não apagada, e aceite como caminho de salvação que nos leva à eterna Felicidade! Luz que nos diz somos irmãos e precisamos uns dos outros, principalmente, quando se trata de crianças necessitadas, carecidas de carinho; que têm o direito de sentir que os seus direitos são realizados, e não sentem; crianças que são fruto da prostituição, do abandono, da má compreensão, em suma: fruto da nossa desorganizada sociedade.

Luz de Deus, que nos diz que tanto Pobres como ricos têm os mesmos direitos: de ter férias, de comer, de brincar, etc...

Luz que nos diz que em cada pessoa está Cristo e que o que fazemos a cada pessoa, o fazemos a Cristo; e que o que fazemos a Cristo, o fazemos a Deus. (que no fim do mundo nos há-de julgar), porque Deus (Pai) e Cristo (Filho), são um só Deus.

Carlitos

NOTAS DA QUINZENA

Cont. na 1.ª pág.

Ajuda ao teu sacrifício e ao meu. O que eu mais desejo é que amanhã sejas alguém na vida e faças ver a muita gente. É o que mais peço a Nosso Senhor.»

Deus nos ajude a merecer a custódia destes filhos, enquanto for preciso. E pela graça dos seus Pais, alcancemos graças para sofrer com fortaleza e paciência os menos dignos de tão santo estado!

□

Este período entre Julho e Outubro chamado de férias é, para nós, mais cheio do que o resto do ano. É a tomada de conhecimento dos resultados escolares com os percalços que em família tamanha sempre acontecem; é a resolução sobre quem vai ou não

Paço de Sousa

VISITAS — Muitos admiradores da nossa Obra não se esquecem de fazer-nos uma visita, nem que seja uma vez por ano.

Mesmo aqueles que não conhecem a Obra da Rua e suas Casas do Gaiato, aparecem de vez em quando, trazendo amigos seus como cicereiros! Depois, passeiam pela nossa Aldeia, acompanhados por um dos nossos rapazes que lhes mostram tudo, desde a cozinha aos banheiros.

O Zé Teles e esposa estão passando alguns dias connosco. Como lembrança da estadia, deixaram uma bola de futebol, oficial e impermeável, ao nosso Grupo Desportivo. Em nome dos jogadores, muito obrigado.

SERVIÇO MILITAR — No dia 1 de Setembro foram chamados mais dois rapazes para cumprirem o serviço militar: Carlos Alberto e Rafael. A comunidade deseja-vos boa sorte.

CHEGADAS — Há poucos dias, chegaram dois Padres da Rua, em serviço na República Popular de Angola: Padres Telmo e Manuel António.

As Casas que aí fundaram — todos sabem — já não pertencem à Obra da Rua, mas ao Estado angolano.

O sr. Padre Manuel António trouxe consigo um jovem de Benguela: o Jorge.

CARAS NOVAS — Temos caras novas; mais quatro rapazes que a nossa Obra acolhe familiarmente, com muito carinho. São algarvios. Já são muitos em nossa Aldeia!

Integraram-se muito bem na comunidade. Estão contentes. Têm muitos amigos. Mesa farta. Um regalo!

São muitos os pedidos pendentes. Mas só acolhemos os mais necessitados das ruas de Portugal.

«Salsichas»

continuar estudos; são as matrículas; é a dispersão da comunidade entre a casa e a praia; é a acumulação de trabalhos e as substituições provisórias que tal dispersão implica; é a preparação de todo o xadrez das faxinas anuais que muda em cada ano lectivo; é a tarefa dramática de escolher entre dezenas de casos para admissão, reconhecidos já como nossos, a dúzia que vai ser realmente admitida.

É este último ponto o tema desta nota. Tudo o mais é trabalhoso, sim, mas feliz: É a vida que continua, a vida que cresce enquanto, naturalmente, nós vamos diminuindo. Mas a contemplação e análise dos problemas sociais que chegam até nós é muito dolorosa. Primeiro, o reconhecimento da grandeza dos males que ferem a nossa sociedade; sem lhes vermos prevenção e remédios capazes; segundo, a nossa impotência.

Comecei estas linhas tencionando ilustrá-las com a transcrição de alguns dos muitos casos que uma pasta sob os meus olhos guarda. Tudo nela está, invulgarmente para mim, arrumado: A dúzia cuja resposta foi sim; outros, já suficientemente informados, à espera de vez; e outros, ainda, que carecem de melhor informação. Ao todo, os quarenta e sete que restaram depois de uma primeira escolha em que foram eliminados: uns, porque não eram caso nosso; outros, porque embora sendo-o, a idade dos candidatos era já muito avançada. Tencionava, pois, mas desisto porque não sou capaz de me determinar entre tantos, todos necessitados de uma resposta que tão cedo não pode ser dada e para alguns nunca chegará a ser.

Entretanto o caudal não estanca. Em pessoa, por carta, ao telefone, cada dia nós traz novos problemas. Ontem era uma Assistente Social de Custóias, aflita: quatro irmãozinhos na primeira infância cujo pai está preso e a mãe abandonou. Se o preso fôsse a mãe, o regulamento prevê a possibilidade de os pequenos ficarem junto dela no Estabelecimento Prisional, até uma solução mais adequada para as crianças. Mas sendo o pai... Eu sugeri-lhe que propusesse à Direcção que os meninos ficassem com outras presas, a quem esse cui-

dado até talvez fizesse bem... E lamentei que a iniciativa de uma outra Assistente do mesmo Estabelecimento Prisional que durante anos, por si e com o seu sacrifício, manteve um Patronato para casos urgentes como este, não tivesse sido acarinhada e generalizada como era urgente e justo. E não o foi. Nem sequer facilidades de assistir ao Patronato lhe eram dadas, como se ali não fôsse lugar de serviço — e que serviço! — complementar do que lhe competia na letra dos regulamentos. E teve de desistir.

O primeiro pensamento que talvez surja a muitos à vista destas queixas é de que o dinheiro as resolveria. Se tivesse exposto aqui na crueza do seu concreto alguns dos dramas encerrados na minha pasta, na volta do correio chegariam donativos a contemplá-los. Ilusão! O dinheiro será preciso em qualquer empreendimento... e virá. Mas o seu papel é apenas o de instrumento. De que serve este, por melhor que seja, se não houver quem o maneje com ciência e arte? Faltam, sim, os pelicanos que se magoem nas feridas dos outros e piquem o seu peito e misturem o seu sangue. A dor da nossa impotência poderá definir-se como a dor de sermos tão poucos apaixonados perante a dimensão dos males a curar; de vermos tão pouco harmonizadas, tão nada integradas as várias acções sectoriais que haviam de intervir no processo da prevenção e do remédio; de termos de confessar que é coisa muito rara, apesar da bondade tradi-



Como em todo o mundo, também em nossas Casas o futebol é rei!

A nossa vida

● Um dos trezentos pequenitos da Escola Primária do Colégio de Nossa Senhora do Rosário, do Porto, fez a seguinte pergunta, no dia em que nos visitaram: — «Como é que muitos dos vossos rapazes, vindos das ruas, se adaptam à vossa vida?!...»

Gente pequena — o miúdo teria 10 ou 11 anos — com perguntas grandes no conhecimento da dificuldade maior ou das maiores da nossa vida.

A resposta vai ao cerne da nossa vida!

Quando contei ao Manuel Pinto o teor da minha conversa com os pequenitos visitantes, disse-me logo: — «A essa pergunta Pai Américo responderia com uma palavra muito usada por ele: Liberdade».

A Liberdade da Porta Aberta. Liberdade responsável. Ser livre é escolher o Bem e fazê-lo. Optar pelo caminho que nos realize humanamente, na procura material e espiritual da Felicidade. É a resposta de Pai Américo à pergunta daquele pequenito. E é, também, a resposta certa.

cional do nosso Povo, uma boa consciência social.

Padre Carlos

Padre Moura

AREIAS DO CAVALCO

— «Porque permanece ainda, depois do que aconteceu à Casa do Gaiato de Benguela?» — é pergunta que me fazem os Amigos, quase diariamente.

Não são os edifícios, não é a estrutura material; não é a avenida imponente das mangueiras, nem a beleza das palmeiras imperiais, a lembrar o ambiente tropical. A resposta é dada por um dos rapazes mais velhos, criado desde pequenino em nossa Casa de Benguela: — «Podem tirar-nos a Casa, mas

a Obra fica». Foi a mensagem dele para o dia 16 de Julho, a todos os rapazes. Não encontro expressão mais rica de significado. Foi a única razão, forte e decisiva, que nos fez permanecer. A personalidade familiar, tanto ou mais forte que a gerada ao longo de anos no seio de uma Família, tecida com fios de sangue, senti-a nos últimos meses.

Valeu a pena! Acabou a Casa do Gaiato de Benguela, mas a Obra fica. Gerada no Amor

que brota no Coração d'Aquêle que desde o princípio foi constituído Pedra Angular de todo o edifício da Obra da Rua, resiste a todos os ventos. As centenas de rapazes que por ela passaram e, agora espalhados, ajudam à reconstrução de uma Pátria ainda dilacerada pela guerra, em busca da Paz, não esquecem a sementeira da amizade, em ambiente familiar, feita ao longo de quase 17 anos.

Padre Manuel

Cobrança

É sabido como somos refractários a tudo o que cheira a comercialização, muito mais quando o objecto de troca é constituído por valores do espírito como é o caso do nosso jornal. Nem fixação de preço, nem rigor no prazo de pagamento, nada. Sempre preferimos deixar uma coisa e outra à generosidade e cuidado de cada um, certos de que a atenção e a opção implicam um acto de amor que traz em si potencialidades maravilhosamente fecundas, compensação perfeita do que os números não dizem nem comportam. Fôramos uma empresa assente no económico e O GALATO e a sua Editorial seriam uma ruína. Assim as contas dão sempre certas ainda que nem todas as parcelas andem acertadas. Uma experiência muito terra-a-terra que não surpreende os que acreditam na «Comunhão dos Santos»!

Fomos, pois, sempre e somos anti-cobrança. Só a praticamos com aqueles que a exigem, talvez dominados pelo escrúpulo de um sempre possível esquecimento, sobretudo para quem tem a vida cheia de variadas preocupações. Agora, porém, que os serviços dos Correios são um luxo, e a eficácia decrescente, muitos dos nossos assinantes acordam para a **comedela** e dão o dito por não dito:

«Em devido tempo pedi que, por intermédio do Correio, procedessem à cobrança da importância referente à minha assinatura do nosso jornal, o que agora venho retirar, pedindo que me avisem por um simples postal, pois não encontro justo que uma organização como os Correios, que deviam ser para benefício do povo, sejam para explorar, pois quase paguei tanto pela cobrança como pela assinatura. Acho que será melhor enviar essa importância para a Casa em vez de a dar a quem a não merece.»

Aqui temos uma voz de transmontano dos quatro costados, rija e no entanto finamente delicada, como o revelam os dois possessivos utilizados: «minha assinatura do nosso jornal».

Outra queixa, aqui de mais perto: «Verifiquei que na cobrança paguei 50\$00 para despesas sem que isso venha a reverter a vosso favor. Portanto prefiro pagar os mesmos 150\$00, mas sem ser à cobrança. No caso do meu desmazelo ser grande, mandem-me uma lembrancinha dentro do jornal. De acordo?»

Estas duas presenças consonantes saem em representação de muitas mais exprimindo a mesma descoberta e igual desencanto. Nós damos-lhes o nosso pleno acordo. Um vale sempre é mais maneirinho. Melhor ainda um cheque para quem tem conta bancária, o que se vai generalizando. E nas nossas grandes cidades sempre há um Espelho da Moda ou uma Casa do Castelo ou um Montepio Geral aonde liquidar contas com O GALATO.

A nossa «desorganização» não é muito consentânea com o postalzinho na hora exacta de cada assinante. De anos em anos damos uma volta pelo ficheiro e lá vamos em busca dos esquecidos. Vamos a ver se também nós conseguimos melhorar neste ponto... De qualquer modo, cobrança é que não!

Padre Carlos

RECORTE

«Quando surge uma parede longe dos olhares de um público guardião, há logo escrevinhadores e pinta-monos que as aproveitam para concretizarem nelas os seus dotes de «escritor», o seu estro poético ou o esboço de toscas figurações. O facto, constituindo violação da propriedade alheia ou menosprezo do património co-

Reflectindo

Cont. da 1.ª pág.

a todas as solicitações da vida. O verdadeiro amor é capaz de temperar, mas muitos pais estragam os seus filhos se não os preparam para a renúncia e sacrifícios que qualquer vida direita, necessariamente exige. Tudo lhes dão, tudo lhes permitem e quando notam que eles se destróem, não têm autoridade para os impedir dos seus maus passos.

A miséria e a fartura têm as suas consequências funestas.

Os nossos mais pequenos, Luisinho e Edgar, têm quatro anos. Vieram com três. Tiveram um período em que foram dispensados da prestação de trabalho. Mas há umas semanas entraram no grupo de trabalho. Andam num grupo em que os outros são quase da mesma idade. O trabalho é leve: arrancar ervas da calçada, apanhar os papéis do chão, etc. Fazem pouco mas habituam-se a colaborar para o bem-comum. Andam bem dispostos. Ao princípio aproveitavam todas as oportunidades para se desenfiar... Mas se lhes perguntamos onde é o lugar deles, respondem muito compenetrados: — É no trabalho.

Padre Abel

lectivo pelos danos causados à estética, à beleza e à dignidade dos locais abusivamente utilizados — assume maior gravidade se encarado sob o aspecto da apologia pornográfica, indecorosa e torpe que geralmente persegue.

Nesses escritos e desenhos (particularmente em locais privados), ressalta, com uma nitidez que espanta, o propósito único de fazer graça brejeira, de ofender o pudor, de cobrir de lama pessoas e instituições, numa ostentação de baixa moral verdadeiramente confrangedora.

(...) Estes escrevinhadores e pictómanos, cujas taras forneceriam abundante matéria para os estudiosos do comportamento humano e social, são, não raro, pessoas com que topamos dia-a-dia, à primeira vista simpáticas e que julgáramos inofensivas; mas figuras perigosas (porque complexadas) que, subrepticamente, envenenam o ambiente em que se movem.

Há que exercer uma vigilância repressiva contra esta fauna indesejável que, por mal nosso, pulula por toda a parte. Educar e sanear é a primeira missão que incumbe a quantos (e devemos ser todos nós) se preocupam com construir uma sociedade escoreita, sem pústulas.»

Sim, é um recorte de circular da Liga Portuguesa da Profilaxia Social que toca um assunto tão actual quão ofensivo da dignidade pública, em que todos somos sujeitos de direitos e responsáveis por acção ou omissão.

Quantas vezes ao atravessar ruas na companhia de crianças e adolescentes sentimos

vergonha do que uns e outros vemos. Ele esses painéis a que a transcrição alude. Ele os escaparates dos quiosques e os estendais nos passeios de «literatura» ignóbil. E não só o que vemos mas o que sabemos ser visível em lugares escusos aonde se vai por necessidade ou passa por curiosidade menos sã.

E ainda não só o que se vê mas também o que se ouve, o que se é obrigado a ouvir em qualquer esquina que se dobra, em transporte urbano ou num comboio em que se viaja: A linguagem mais abjecta, sem atenção nem respeito por ninguém.

Sim, «há que exercer uma vigilância repressiva contra esta fauna indesejável». Ou caberá em conceito civilizado de liberdade o comportamento selvagem da dita fauna, afrontosa dos direitos da decência e da boa educação?!

Padre Carlos



Casamento do Joaquim Manuel e Maria Celeste, no Tojal.

Morgado

UM CASO

De entre os numerosos pedidos de entrada em nossa Casa, este merecia total atenção, pela história que o envolve.

É um rapaz de 12 anos de idade, bastante educado, pacífico, mas cuja idade mental se situa entre os cinco e os seis anos.

A mãe, actualmente internada no Hospital Conde de Ferreira, enlouqueceu, quando da morte de seu marido. Uma das atitudes de loucura foi atirar o filho de um ano para uma lixeira.

Um vizinho, ao passar por essa lixeira encontrou-o a chorar e foi colocá-lo junto à casa de uma senhora que desde jovem gosta de cuidar dos filhos dos outros.

Recolheu o bebé e quando ele tinha cerca de três anos,

internou-o num colégio. Aí, davam-lhe comprimidos para que ele não chorasse.

Consciente de que ali não era o melhor lugar para a criança, levou-a novamente para casa.

Tendo dado conta de que ele tinha perturbações mentais, levou-o ao Hospital de Magalhães Lemos para que o pudessem curar: — É um caso arrumado — disseram-lhe.

Sua mãe adoptiva, apesar de viver de esmolas, é um exemplo de coragem que nos faz baixar a cabeça, reconhecidos.

Vive num rés-do-chão, em Lordelo; tem uma casa humilde, mas asseada. Além da criança, tem sob os seus cuidados mais duas pequenas.

Não sabe o que fazer ao rapaz, pois conta já sessenta e cinco anos. Tem tentado por

todos os meios solucioná-lo (aqui mostra o seu interesse de não deixar os «filhos» na miséria), sendo uma das soluções a Casa do Gaiato.

Muito gostaríamos de poder atender a este caso — e a muitos outros — mas não podemos; a nossa insuficiência reside no facto de o miúdo ser atrasado mental.

Somos uma «Porta Aberta» mas que, por vezes, se fecha, mediante casos que nos transcendem pela sua delicadeza de tratamento.

Este miúdo é um facto que carece da atenção das autoridades competentes.

Em Portugal, praticamente não existem clínicas que possam responder a estes casos. Eles não se podem arrastar pelo tempo fora, necessitam de uma solução. É preciso dar

mais um passo em frente, com a convicção de que este rapaz ao ser internado, não será para passar o resto da sua existência preso a quatro paredes, esperando a morte. Só assim poderemos construir uma democracia para todos, nesta sociedade tão complicada e tão absorvida pelos problemas que apoquentam cada um, esquecendo-se de que só unidos seremos um só.

Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 42.000 exemplares